

DA VERDADE À CONFISSÃO: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DOS LIMITES DA PEDAGOGIA MORAL E DISCIPLINAR CATÓLICA

FLÁVIA FERREIRA TRINDADE¹; CLADEMIR ARALDI²

¹ Universidade Federal de Pelotas – flaviaftrindade@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A nossa proposta, que é um recorte do primeiro capítulo da tese em andamento, objetiva apresentar o conceito de verdade da Igreja Católica e sua relação com o sacramento da confissão. O trabalho está inserido na área de Ciências Humanas em Filosofia na linha de Fundamentação e Crítica da Moral. Buscaremos apresentar como esse conceito encontrado no livro do Catecismo da Igreja Católica que é ensinado pelos seus sacerdotes acaba por justificar a confissão. Dessa forma, buscar responder: como a noção de verdade cristã católica torna imprescindível a necessidade do sacramento da confissão? Objetivamos apresentar a noção de verdade cristã católica frente à falibilidade humana, para com isso observarmos a possibilidade de cumprimento dessa verdade e, se a confissão é justamente o signo da impossibilidade do cumprimento da mesma.

Na teologia católica o discurso que compete ao ato de falar deve expressar necessariamente uma verdade a qual já possui seus pilares já foram preestabelecidos nas escrituras cristãs. Segundo o livro *Catecismo da Igreja Católica* (2016), Deus é a verdade, pois cumpre, sempre cumpre suas promessas, logo a verdade consiste em prometer e sempre cumprir. A verdade se encontra na promessa feita por meio da palavra e seu cumprimento por meios de atos, nessa relação sumariamente dependente e indissociável consiste a verdade cristã. É uma concepção de verdade que é aparentemente simples, sua formulação é simples, porém se torna forte e complexa justamente em seu segundo critério, o cumprimento da promessa. Deus é perfeito, logo ele não erra, sendo assim ele cumpre o que promete, é isento de pecado, logo não sofre tentações que poderiam colocar em xeque o cumprimento das mesmas. O homem é feito a imagem e semelhança de Deus, porém, não é Deus, com a queda sua falibilidade foi exposta, e mais, legada a todos seus sucessores. AGOSTINHO (2015) em sua obra *Confissões* tece toda essa observação à luz dessa verdade que agora conhece, revê todos os atos anteriores e os coloca frente a frente com a palavra, o que mais uma vez reforça a impossibilidade de dissociação de palavra e ato na religião cristã católica. A interpretação de Agostinho sobre a verdade, e consequentemente de seu oposto, nem sempre conversa de forma direta com o catecismo romano na referida obra, pois ele está expondo sua autocrítica, descerrando de modo público, porém profundo sua confissão ao próprio Deus, se trata de uma confissão muitas vezes enérgica e impiedosa, principalmente no que tange aos seus atos da infância

2. METODOLOGIA

Nossa metodologia parte da análise bibliográfica e investigação teórica por meio de fichamentos, reflexão crítica intentando assim, tecer uma pesquisa voltada não merante a uma crítica viciosa acerca da Igreja, mas que compreenda dentro do possível o próprio funcionamento da crença Católica para posteriormente

contrapor seus críticos. Nesse presente trabalho abordaremos somente a parte onde a teologia dialoga com os filósofos medievalistas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio das normas da igreja, para uma verdade única a confissão que representa a declaração de um desvio das mesmas não visa expressamente a aceitação aos braços dessa verdade a admissão de culpa e ressentimento. A verdade, que vem a ser Deus é expressa pela fala dentro do cristianismo, pois a mentira compete o opositor, o diabo, pai e origem da mesma. Verdade de atos e verdade de fala: esses primeiros aspectos irão formular uma serie de normas de conduta que se interseccionam, onde veremos uma culminar na outra e a existência dessa não ser possível sem a outra. TOMÁS DE AQUINO (2013) na parte de sua *Summa Teológica* dedicada aos sacramentos os situa como afirmações de Cristo e os compara ao modo mesmo como Cristo é compreendido, como todo e ao mesmo tempo como parte. Assim como as palavras devem vir acompanhadas de atos que reafirmem sua veracidade toda a ritualística litúrgica também deve proceder do mesmo modo, não obstante com os sacramentos não seria diferente. Aceitando o sacrifício do Deus-filho, mas pelo viés da falibilidade humana, o indivíduo perpetua a *via crucis* em sua essência de sacrifício e verdade de fé, não nos esqueçamos do que compreendemos aqui como verdade. Os sacramentos se dividem em iniciação (o batismo, a confirmação e a eucaristia), de cura (da penitência e unção dos enfermos) e de serviço da comunhão (da Ordem e do matrimônio). Concentrando-nos no sacramento da penitência dada nossa intenção nessa tese. A necessidade dos sacramentos reside na falha do primeiro homem, assim com a vinda de Cristo é justificada por ela, por conta do primeiro pecado serão exercidas a constante necessidade de perdão e confirmação.

Segundo o filósofo PEDRO ABELARDO (1994), a penitência não é meramente, como poderia ser vista, uma autopunição é algo deveras mais forte, pois surge enquanto entendimento da necessidade da mesma, e como o filósofo postula, da compreensão da falha, de haver desrespeitado um mandamento divino. Insistimos nesse aspecto, a profundidade com a qual a pedagogia cristã toca o fiel é tamanha que alcança um ponto de não a Igreja o punir, mas ele mesmo, o grau máximo é alcançado no assemelhar-se a Cristo quando o indivíduo se coloca em oferta de sacrifício da penitência. Confessa sua pequenez, seu erro, sua falha, se envergonha em última instância diante de Deus e como pedido de perdão aceita e pratica a penitência, uma punição não somente do corpo, mas expiação dos pecados. Deus quer que o aceitemos, o sigamos de todo o coração, assim, oferece a penitência para que nos eximamos de todos os pecados cometidos após o nosso batismo. Dessa forma, como já apontamos por nossa falibilidade a fé precisa ser constantemente reafirmada, e, paralelo a isso, o perdão também acabe por ser reafirmado ao longo da vida numa busca incessante por não mais pecar. A penitência, com isso englobará como um aparato disciplinar ministrado pela Igreja e desejado pelo indivíduo, o qual após já conhecer toda a pedagogia que o ensina a fé, o bem e o mal a comprehende como parte e necessidade.

A confissão representa um ato de confiança na Igreja por parte do fiel, é por ela que ele recebe a palavra de Deus e todos ensinamentos os quais é compreendido um viver pela fé cristã e será por ela também que irá receber as sanções. Então como nela confia para aprender sobre o cristianismo, crer no mesmo a partir do catecismo da Igreja, também deverá crer na legitimidade das punições que serão norteadas e/ou aplicadas pela mesma. A força do segundo aspecto

reside na força do primeiro, pois ambos procedem da mesma instituição e compreendem a mesma fé. Nesse sentido crer na validade da confissão auricular é fortalecer a crença própria em todos os demais tomados pela Igreja Católica e no seu poder de assim aplicá-los: (CONCÍLIO DE TRENTO, 1551, [XIV] V §900)

4. CONCLUSÕES

Desta forma podemos observar a completude da confissão, como a mesma, como parte integrante da penitência e seguindo o intuito da mesma de compreensão de haver pecado, entender-se enquanto pecador, arrepender-se, e traçar um caminho de admissão do erro à um retorno a graça pode ser observado na própria confissão. Desde a reflexão do exame de consciência existe um fortalecimento de todo ensinamento anterior ministrado pela Igreja ao indivíduo para que assim ele possa então entender que pecado, tenha uma noção do que é pecado para Igreja a qual expressa a palavra de Deus. Por fim, parcialmente, haja vista que é uma pesquisa em andamento, observamos que por nossa própria falibilidade aos olhos da Igreja fará com que medidas disciplinares como a confissão sejam necessárias, pois, o único capaz dessa verdade postulada pela Igreja é o próprio Deus, que é a verdade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEDRO ABERLARDO. **Ética o conócente a ti mismo.** Barcelona: Ediciones Alta-ya S.A., 1994.

AGOSTINHO. **A instrução dos catecúmenos:** teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

TOMÁS DE AQUINO. **Summa Teológica:** os sacramentos: III parte – questões 60-90: volume 9. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo, Edições Loyola, 2016.

CONCÍLIO DE TRENTO. **A confissão.** Trento, Roma: Sessão XIV. Cap. V, 1551.

CONCÍLIO DE TRENTO. **Cânones sobre o sacramento da Penitência.** Trento, Roma: Sessão XIV. Cap. III, 1551.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4:** as confissões da carne. São Paulo: Paz e Terra, 2021.